

Índice

Prefácio	7
WALDEN	
Economia	31
Onde Vivi e para o Que Vivi	96
Leitura	112
Sons	122
Solidão	137
Visitantes	146
O Campo de Feijões	159
A Povoação	170
Os Lagos	176
A Quinta Baker	199
Leis Superiores	207
Vizinhos Irracionais	218
Aquecimento da Casa	230
Antigos Moradores e Visitas de Inverno	245
Animais de Inverno	258
O Lago no Inverno	268
Primavera	283
Conclusão	300
Notas	313

ECONOMIA

Não me proponho escrever uma ode ao desânimo; exhibir-me-ei com tanta imponência como o galo de manhã, em cima do poleiro, quanto mais não seja para acordar os vizinhos.

Quando escrevi as páginas seguintes, ou a maior parte delas, vivia sozinho nos bosques, a mais de quilómetro e meio de qualquer outra pessoa, numa casa que eu próprio construí na margem do lago Walden, em Concord, Massachusetts, e sobrevivia apenas com o trabalho das minhas próprias mãos. Aí vivi durante dois anos e dois meses. Atualmente voltei a ser hóspede da civilização.

Não importaria tanto os meus assuntos à atenção dos meus leitores se os meus concidadãos não tivessem feito perguntas específicas sobre o meu modo de vida, que alguns considerariam impertinentes, embora eu pense que, pelo contrário, tendo em conta as circunstâncias, são naturais e importantes. Alguns perguntaram o que comia, se não me sentia sozinho, se não tinha medo, e coisas parecidas. Outros quiseram saber que parte do meu rendimento destinava a fins caritativos, e outros, com famílias numerosas, quantas crianças pobres eu sustentava. Deste modo, pedindo desculpa aos leitores que não se interessam particularmente por mim, tentarei responder a algumas destas perguntas neste livro. Na maior parte dos livros, o *eu*, ou primeira pessoa, é omitido; neste será mantido; essa, no que diz respeito ao egotismo, é a principal diferença. Esquecemos habitualmente que, no fim de contas, é sempre a primeira pessoa que fala. Não falaria tanto sobre mim mesmo se conhecesse igualmente bem outras pessoas.

Infelizmente, vejo-me reduzido a este tema pela estreiteza da minha experiência. Além disso, pela minha parte, exijo a todos os escritores, do mais importante ao mais insignificante, um relato simples e sincero da própria vida, que escrevam não só sobre o que conhecem das vidas de outras pessoas, mas sobre o que contariam à família se estivessem numa terra distante; pois se viveram com sinceridade, parece-me que só podem tê-lo feito numa terra distante. Talvez os estudantes pobres sejam o público-alvo destas páginas. Quanto aos restantes leitores, terão de se contentar com as passagens que se lhes apliquem. Confio que ninguém rebentará as costuras do casaco quando o experimentar, uma vez que este poderá ser útil àquele a quem servir.

Quero abordar assuntos que interessem aos que leem estas páginas, pessoas de Nova Inglaterra, não aos chineses ou aos habitantes das ilhas Sandwich, qualquer coisa sobre as nossas condições de vida, principalmente a vida ou as circunstâncias exteriores nesta cidade, sobre como são, se é necessário que sejam tão más, se podem melhorar. Tenho andado muito por Concord — por toda a parte, nas lojas, nos escritórios e nos campos, os habitantes parecem penitenciar-se de mil modos extraordinários. Ouvi falar de brâmanes que se mantêm sentados, expostos a quatro fogos e olhando para o sol de frente, ou suspensos de cabeça para baixo sobre o fogo; ou que contemplam os céus por cima dos ombros “até ser impossível retomarem a posição natural, apesar de pelo pescoço torcido só passarem líquidos para o estômago”; ou que permanecem acorrentados durante toda a vida à base de uma árvore; ou que percorrem com os corpos, como lagartas, o território de vastos impérios; ou que permanecem apoiados sobre uma só perna em cima de pilares — contudo, mesmo estas formas conscientes de penitência são menos inacreditáveis e assombrosas do que as cenas que testemunho todos os dias. Os doze trabalhos de Hércules parecem insignificantes em comparação com aqueles que os meus vizinhos chamaram a si, pois eram só doze e tinham fim, enquanto, que eu tenha visto, nunca nenhum destes homens matou ou capturou algum monstro ou se empenhou numa tarefa que pudesse ser terminada. Não têm um amigo como Iolau, que cauterize com um ferro em brasa o pescoço da Hidra, depois de lhe ter sido cortada a cabeça; pelo contrário, mal uma cabeça é esmagada, logo duas se erguem.

Alguns jovens, meus conterrâneos, tiveram a infelicidade de herdar quintas, casas, celeiros, gado e alfaias agrícolas, coisas que é mais fácil adquirir do que largar. Teria sido preferível nascerem nos campos e terem sido amamentados por uma loba; desse modo veriam mais claramente o campo a que foram chamados para trabalhar. Quem os condenou à condição de escravos da terra? Porque terão de cuidar de vinte e quatro hectares, se toda a gente só levará consigo o seu próprio barro? Têm de viver a vida com aquele fardo, desenrascando-se o melhor que conseguem. Quantas pobres almas imortais conheci quase esmagadas e sufocadas sob este peso, avançando a custo pela estrada da vida, arrastando consigo um celeiro de vinte e cinco metros por quinze, com os seus estábulos sempre sujos, como os de Áugias, e mais de quarenta hectares de terra para cultivar, ceifar e manter como pastagem e fonte de madeira! Os desfavorecidos, que não recebem estes obstáculos desnecessários em herança, já acham suficientemente difícil controlar e cultivar uns poucos quilos de carne.

Contudo, as pessoas laboram em erro. O melhor de cada um é lançado para a terra como adubo. Por um destino semelhante, a que vulgarmente chamamos necessidade, são encarregados, como se diz na Bíblia, de proteger tesouros que a ferrugem e as traças vão corroer e os ladrões vão invadir e roubar. É uma vida de loucos, hão de chegar a esta conclusão perto do fim, se não antes. Conta-se que Deucalião e Pirra criaram homens atirando pedras para trás das costas, por cima da cabeça:

“Inde genus durum sumus, experiensque laborum,
Et documenta damus quâ simus origine nati.”¹

Ou, como Raleigh versejou, na sua voz sonora:

From thence our hard-hearted is, enduring pain and care,
Approving that our bodies of a stony nature are.

[Daí termos um coração coraçado, que suporta sofrimentos e cuidados,
Comprovando que em pedra os nossos corpos foram talhados.]

É nisto que dá obedecer cegamente a um oráculo disparatado, atirando pedras para trás das costas sem ver onde caem.

Mesmo neste país relativamente livre, a maioria das pessoas, ainda que por mera ignorância e erro, está tão envolvida nas preocupações artificiais e nos trabalhos grosseiros e superficiais da vida, que não consegue colher os seus melhores frutos. Os seus dedos, por excesso de trabalho, tornaram-se desastrados e tremem excessivamente. Na verdade, o homem que trabalha não tem tempo para o lazer em nenhum momento do dia; não se pode dar ao luxo de conviver com as outras pessoas; o seu trabalho não renderia tanto no mercado. Só tem tempo para ser uma máquina. Como pode ter consciência da sua ignorância — atitude indispensável ao crescimento — quando precisa tantas de vezes de aplicar os seus conhecimentos? De vez em quando devíamos dar-lhe de comer e de vestir gratuitamente e partilhar a nossa bebida com ele, em vez de o julgarmos. Só através do manejo mais delicado podem as melhores qualidades da nossa natureza, como as flores dos frutos, ser preservadas. Contudo, não nos tratamos a nós, nem uns aos outros, com cuidado suficiente.

Alguns de vocês, todos sabemos, são pobres, sentem dificuldades, por vezes até em respirar, por assim dizer. Não tenho dúvidas de que alguns leitores deste livro não podem pagar todos os jantares que já comeram, nem todos os casacos e sapatos, que se gastam tão depressa ou já estão gastos, e chegaram a esta página usando tempo que não tinham, furtando aos credores uma hora. É evidente que muitos de vocês têm vidas mesquinhas, dependentes de expedientes, sei-o bem por experiência; sempre no limite, tentando negociar e pagar as dívidas, esse pântano ancestral a que os latinos chamam *aes alienum*, o cobre alheio, porque algumas moedas deles eram cunhadas nesse metal; continuando a viver, a morrer e a ser enterrados no cobre alheio, sempre prometendo pagar, prometendo pagar amanhã mas morrendo hoje, insolventes; pedindo favores, angariando clientes, de todos os modos que não impliquem prisão; mentindo, bajulando, votando, reduzindo-se a um verniz de boas maneiras, ou expandindo-se numa atmosfera de generosidade ténue e vaporosa, tentando persuadir o vizinho a deixar-vos fazer os sapatos, ou o chapéu, ou a carruagem, ou importar as mercearias dele,

rebaixando-vos para poupar algum pé-de-meia a que recorrer em caso de necessidade, algo que se possa guardar numa velha arca, numa meia dentro da parede, ou, método mais seguro, numa parede de tijolos; não interessa onde, não interessa se é muito ou pouco.

Espanta-me às vezes que possamos ser frívolos, quase se pode dizer, a ponto de tolerarmos essa forma de servidão grosseira, mas de algum modo estrangeira, que é a escravidão dos negros, quando há tantos senhores subtis e astutos lucrando com isso tanto no Norte como no Sul. É mau ter um capataz do Sul; é pior ter um do Norte; mas o pior de tudo é sermos o nosso próprio capataz. Fala-se da natureza divina do Homem! Será que no carroceiro na estrada, dirigindo-se ao mercado de dia ou de noite, subsiste alguma réstia desta natureza? A sua maior responsabilidade é dar de comer e beber aos cavalos! Que importância tem o destino dele quando comparado com os interesses do mercado? Não é funcionário de um Figurão Importante? Como pode ser divino ou imortal? Vejam como se encolhe servilmente, como passa o dia receoso; não é divino nem imortal, mas sim escravo e prisioneiro da opinião que tem de si próprio, da fama que adquiriu pelos seus atos. A opinião dos outros é um tirano brando quando comparada com a opinião que temos de nós mesmos. Aquilo que alguém pensa de si próprio determina, ou, melhor, antecipa o seu destino. É preciso autoemancipação também nas Índias Ocidentais da fantasia e da imaginação — que Wilberforce será necessário para a desencadear? Lembrem-se também das senhoras da terra que produzem almofadas ornamentais como se a vida delas dependesse disso, para evitarem preocupar-se com o próprio destino! Como se perder tempo não ferisse a eternidade.

A maior parte das pessoas tem vidas de desespero resignado. Aquilo a que chamamos resignação não passa de desespero crónico. Da cidade desesperada ao país desesperado, não nos resta senão procurar consolo na coragem das martas e dos ratos-almiscareiros. Mesmo naquilo a que chamamos os jogos e os divertimentos da humanidade se esconde um desespero estereotipado mas inconsciente. Não há diversão neles, porque vêm depois do trabalho. Mas a sabedoria não comete atos desesperados.

Quando pensamos naquilo que, segundo o catecismo, é o fim principal do Homem e em quais são as coisas verdadeiramente es-

senciais da vida, dir-se-ia que o Homem escolheu deliberadamente o modo de vida mais comum, por o preferir acima de todos. Contudo, toda a gente acredita piamente que não tem escolha. Os espíritos atentos e saudáveis, no entanto, recordam-se de quando o sol nascia livremente. Nunca é demasiado tarde para pormos de parte os preconceitos. Nenhum modo de pensar ou de agir, por muito antigo que seja, merece confiança sem ser posto à prova. Aquilo que toda a gente repete ou respeita em silêncio como válido pode amanhã revelar-se uma falsidade, uma simples cortina de fumo em que alguns julgaram ver a nuvem que traria chuva fértil aos campos. Quando tentamos fazer o que as pessoas mais velhas nos dizem que não conseguiremos, conseguimos. Aos mais velhos, as ações do passado, para os mais novos, novas ações. Houve tempos em que os mais velhos nem sequer sabiam que ir buscar mais combustível manteria o fogo aceso; os mais novos põem alguma lenha seca por baixo de uma panela e dão a volta ao mundo com a velocidade das aves, quase matando os mais velhos de susto. Os mais velhos não estão mais, nem tão bem, preparados como os mais jovens para instruir, porque perderam mais do que aproveitaram. Podemos até duvidar se o homem mais sábio aprendeu alguma coisa de valor absoluto vivendo. Em termos práticos, os mais velhos não têm conselhos muito importantes para os mais novos, tão parcial foi a sua experiência, de tal modo as suas vidas fracassaram — por razões privadas, acreditam; deve restar-lhes alguma fé nessa experiência, mas são apenas menos jovens do que antes. Vivi cerca de trinta anos neste planeta e ainda não recebi dos mais velhos uma única sílaba de um conselho com valor ou até sincero. Não me disseram nada pertinente e provavelmente não conseguem. Eis a vida, uma experiência que em grande medida ainda desconheço; mas de nada me serve que eles já a conheçam. Sempre que tenho alguma experiência que considero valiosa, confirmo que sobre ela os meus mentores nada me disseram.

Um agricultor avisa-me: “Não consegue sobreviver só ingerindo vegetais; não têm substância que sustente os ossos.” Todos os dias esta pessoa dedica religiosamente algum tempo a fornecer ao seu sistema a matéria-prima dos ossos; seguindo atrás de bois, que, com os seus ossos feitos de vegetais, o puxam a ele e ao seu pesado arado, vencendo todos os obstáculos. Em alguns círculos, os mais

fracos e doentios, certas coisas são consideradas essenciais à vida, enquanto outras são vistas como simples luxos, chegando mesmo a ser desconhecidas noutros ainda.

A alguns parece que todo o território da vida, tanto os cumes como os vales, foi explorado pelos predecessores e que todos os assuntos foram abordados. De acordo com Evelyn², “o sábio Salomão até as distâncias entre as árvores regulamentou; os pretores romanos determinaram não só quantas vezes se podia ir à propriedade do vizinho recolher bolotas sem violar a lei, mas também que porção cabia a esse vizinho”. Hipócrates chegou mesmo a deixar instruções sobre como cortar as unhas: ao mesmo nível das pontas dos dedos, nem mais curtas, nem menos. Sem dúvida, o próprio tédio e aborrecimento dos que presumem ter esgotado a diversidade e os prazeres da vida recuam até aos tempos de Adão. Mas as capacidades humanas nunca foram medidas; tão-pouco foi ainda tentado, que não podemos julgar o que a humanidade consegue fazer a partir dos precedentes. Independentemente dos fracassos já consumados, “não te aflijas, meu filho, ninguém te responsabilizará por aquilo que ainda não fizeste”.

Podemos analisar as nossas vidas através de mil constatações simples; por exemplo, a de que o mesmo Sol que amadurece os meus feijões ao mesmo tempo ilumina o nosso sistema de planetas. Recordar isto ter-me-ia evitado alguns erros. Cultivei-os a uma luz diferente. As estrelas são o ápice de triângulos maravilhosos! Que seres distantes e maravilhosos nas diversas casas do universo contemplam a mesma estrela ao mesmo tempo! A Natureza e a vida humana apresentam tanta diversidade como os nossos temperamentos. Quem poderá dizer como será o futuro de outra pessoa? Seria possível maior milagre do que vermos pelos olhos de outra pessoa durante um instante? Experimentaríamos todas as idades do mundo numa hora, ou, melhor, todos os mundos em todos os tempos. História, Poesia, Mitologia! Não conheço leitura da experiência do outro mais surpreendente e informativa do que esta.

No meu íntimo, considero mau o que a maior parte dos meus vizinhos acha bom, e, se me arrepender de alguma coisa, o mais provável é que seja do meu bom comportamento. Que diabo me levou a comportar-me tão bem? Ainda que digas a coisa mais sábia

que conseguires, ancião — tu que viveste setenta anos com alguma honra —, eu ouço uma voz irresistível que me incita a afastar-me de tudo isso. Uma geração abandona os objetivos da outra como barcos encalhados.

Julgo que podemos ser mais confiantes sem receio. Podemos transferir a preocupação que dedicamos aos nossos assuntos para as áreas que realmente precisam dela. A Natureza adapta-se tão bem à nossa fraqueza como à nossa força. A ansiedade e a tensão em que alguns vivem permanentemente são uma espécie de doença quase incurável. Costumamos exagerar a importância de qualquer trabalho que fazamos; e, contudo, quanto trabalho não fazemos! O que aconteceria se adoecêssemos? Como nos vigiamos, determinados a ignorar a fé se pudermos evitá-la! De dia sempre cautelosos, de noite rezamos de má vontade e entregamo-nos a incertezas. Sentimo-nos constrangidos a viver com aplicação e sinceridade, em reverência da vida e negando a possibilidade de mudança. Não há outra maneira, dizemos; mas há tantas maneiras como podem ser desenhados diferentes raios a partir de um centro. Toda a mudança é um milagre a contemplar, mas um milagre que ocorre a cada instante. Confúcio disse: “Saber que sabemos o que sabemos e que não sabemos o que não sabemos, isso é conhecimento verdadeiro.”³ Quando alguém transformar um facto da imaginação num facto da compreensão, prevejo que toda a gente alicerçará a existência nesta base.

Consideremos por um momento a que se deve a maior parte da preocupação e da ansiedade que referi e até que ponto é necessário que nos incomodemos ou, pelo menos, que tenhamos cuidado. Seria vantajoso optarmos por uma vida primitiva na fronteira, ainda que rodeados pela civilização, quanto mais não fosse para percebermos quais são realmente as nossas necessidades básicas e através de que métodos podemos assegurá-las; poderíamos consultar os livros de contabilidade dos comerciantes de antigamente, para vermos que produtos as pessoas mais compravam, o que tinham em armazém, isto é, as mercearias com mais saída. O progresso pouco afetou as leis essenciais da existência humana ao longo dos tempos; é provável que seja impossível distinguir os nossos esqueletos dos dos nossos antepassados.